

As pedras no caminho da formação e atuação de tradutor literário

Análise de entrevistas com tradutores

Autora: Mariana Moura (POSLIT/UnB)

Orientadora: Regina Dalcastagnè

INTRODUÇÃO

Em um país periférico com uma literatura considerada periférica (Candido, 2000, p. 9), a tradução desempenha um papel fundamental no campo literário e editorial. Desde a década de 1930, com o desenvolvimento da indústria editorial brasileira, obras literárias são tradicionalmente vezes traduzidas por escritores, desde Monteiro Lobato e Rachel de Queiroz (Bottmann, 2015), passando por Clarice Lispector e Millôr Fernandes, até, mais recentemente, Marília Garcia e Rubens Figueiredo. A partir dos anos 1970, houve um processo de profissionalização da área, mas os tradutores ainda encontram desafios para que seu ofício seja visto como mais do que um “bico”.

METODOLOGIA: TRÊS PERFIS DE TRADUTORES

Foram analisadas duas entrevistas disponibilizadas em 2024 que têm como público-alvo aspirantes a tradutores literários e pessoas interessadas no mercado editorial. Petê Rissatti participou do *podcast* Nota dos Tradutores, enquanto Caetano e Rogerio Galindo falaram ao curso Vida do Livro, promovido pela escola e editora Seiva.



PETÊ RISSATTI: PROFISSIONAL

Graduado em Tradução (Unibero), atua nos idiomas inglês, espanhol e alemão, além de fazer leitura crítica e preparação de texto. É professor de cursos livres de tradução.



CAETANO GALINDO: ACADÊMICO

É professor da UFPR e tornou-se tradutor de inglês ao traduzir *Ulisses*, de James Joyce, como desdobramento de sua tese de doutorado.



ROGERIO GALINDO: OCASIONAL

Jornalista, diretor de redação do jornal *Plural*, tornou-se tradutor por indicação do irmão, Caetano, com quem assina algumas traduções.

ANÁLISE

Precarização e desafios à profissionalização

Os três tradutores destacam a dificuldade de sobreviver exclusivamente de tradução literária. Rogerio Galindo calcula que traduzir um livro de 200 páginas num prazo de três meses rende apenas R\$ 6 mil, valor irrisório para um trabalho autônomo e sem benefícios trabalhistas, de modo que é necessário que o tradutor se envolva em outras atividades. Essa realidade confirma as observações de Candido (1989) sobre as “manifestações de debilidade cultural” brasileira, incluindo a “impossibilidade de especialização dos escritores em suas tarefas literárias”, aplicável aos tradutores.

Estratégias de ingresso e valorização profissional

Todos concordam que o mercado é fechado e o que o profissional depende de indicações e contatos. Caetano Galindo aconselha começar “trabalhando de graça” e “mal pago”, priorizando entregas “no prazo e limpinhas”. Reconhece, porém, que seu caso foi “atípico” por ter excelentes contatos como Cristovão Tezza e Paulo Henrique Britto. Rissatti critica que editores valorizam mais tradutores que sejam também escritores ou professores universitários. De fato, Dalcastagnè (2005; 2021) observou que boa parte dos escritores brasileiros tem justamente essas ocupações, o que possivelmente corrobora a afirmação de Rissatti quanto a uma maior valorização de tradutores que também sejam escritores, como é tradição no Brasil, ou professores universitários. Britto (2012) defende que tradutor pode se torne visível no livro, e consequentemente mais valorizado, quando contribui para os paratextos editoriais, e não fazendo intervenções ostensivas no texto original, como propõe Venuti (2021).

Impacto da inteligência artificial e perspectivas futuras

Os três tradutores concordam que a IA tem relegado tradutores técnicos à revisão de tradução de máquina (MTPE), o que implica redução na remuneração e poder de barganha. Eles acreditam, contudo, que a tradução literária permanecerá protegida enquanto as ferramentas não captarem ironias, polissemias e figuras de linguagem. Recomendam que os tradutores se especializem em idiomas raros como estratégia defensiva. Rissatti prevê que os livros podem se tornar “objetos de luxo” como discos de vinil, num mercado dual em que traduções automatizadas, mais baratas, coexistem com traduções feitas por humanos, mais caras. Miguel (2025) alerta que a redução de postos qualificados motivada pelo avanço da IA pode transformar o trabalho intelectual em “hobby de uns poucos endinheirados”, interrompendo o processo de profissionalização de uma indústria criativa ainda em desenvolvimento no Brasil.

REFERÊNCIAS

- BOTTMANN, Denise. Tradução é tudo de bom. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, p. 12-13, maio 2015.
- BRITTO, Paulo Henrique. *Tradução literária*. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. *Educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162.
- CANDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- MERCADO de tradução literária, com Caetano e Rogerio Galindo. Entrevista a Daniel Lameira. [S. l.]: Seiva, 2024. Disponível em: <https://www.seiva.com.br/course/vida-do-livro-2024>. Acesso em: 29 jan. 2025.
- MIGUEL, Luís Felipe. Da internet morta ao mercado de trabalho morto?. *Substack*, 7 fev. 2025. Disponível em: <https://lfmiguel.substack.com/p/da-internet-morta-ao-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 7 fev. 2025.
- NOTAS DOS TRADUTORES: S5 EP 020 - ... E o Petê? Uma conversa sobre tradução e sala de aula com Petê Rissatti. Entrevistadores: Carlos Henrique Rutz, Mario Luiz C. Barroso e Érico Assis. [S. l.]: LabPub, 3 nov. 2024. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/35UKVT7ec1iBCUsZy6plcp?si=ca312bd2904f485f>. Acesso em: 29 jan. 2025.
- VENUTI, Lawrence. *Invisibilidade do tradutor: uma história da tradução*. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

Organização:



Apoio:

